

COMUNIDADES ELETRÔNICAS DE CONSOLO

Eliane Hojajj Gouveia

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Brasil

Resumo. Objetivo deste artigo é discutir o fenômeno de reengenharia do feminino que as Igrejas Pentecostais, Universal do Reino de Deus e Renascer em Cristo, estão desenvolvendo no Brasil. Tais Igrejas foram escolhidas para serem pioneiras na utilização de televisão como veículo difusor de modelos de formação da identidade do crente. Elas produzem e estruturam “comunidades eletrônicas de consolo”, que difundem e estimulam novos modelos de viver o feminino, diferenciando-se de outras denominações pentecostais tradicionais. Essas comunidades eletrônicas de consolo procuram homogeneizar o mundo reequacionando as diferenças entre “gêneros”, por meio, do discurso da fé. Este artigo resume algumas reflexões desenvolvidas a partir da investigação que realizei para elaboração de meu doutorado.¹

Abstract. The main objective of this article is discuss the phenomenon of female rebuilding that the Pentecostal Churches as Universal do Reino de Deus (Universal of God's Kingdom) and Renascer em Cristo (Reborn in Christ) are developing in Brazil. Such churches were chosen because their pioneerism in using television as a diffusion vehicle of models to their followers identity formation. They produce and structure “eletronic communities of consolation” that spread and stimulate new standards of living the female gender in a different way used in other traditional Pentecostal denominations. These electronic communities of consolation look for the world homogenization equationalizing the differences between the “genders” through the faith discussion. This article summarize some reflections developed from the investigation which I fulfilled to the elaboration of my doctoral degree.

Minha intenção neste artigo é de levantar algumas questões a respeito da construção da identidade feminina nas novas comunidades pentecostais de caráter virtual.

Nessas comunidades a idéia de espaço do sagrado começa a se afastar da de lugar do sagrado. A idéia de lugar sagrado nos aproxima de tudo aquilo que se apresenta como fixo, territorializado; a idéia de espaço sagrado passa a refletir tudo aquilo que pode ser pensado como fugaz, veloz, desterritorializado. É esta última idéia de espaço do sagrado que nos remete pensar as “comunidades eletrônicas de consolo”, um novo espaço de proselitismo religioso televisivo que ultrapassa o lugar fixo e lento dos templos e se projeta, por meio das tecnologias eletrônicas, para um espaço sagrado ágil, acelerado e não fixo, onde podemos apreciar inúmeros acontecimentos de conversão ocorrendo simultaneamente.

Tal modificação das noções de tempo e espaço do sagrado parece provocar, nas comunidades eletrônicas pentecostais, mudanças na reordenação da subjetividade dos fiéis alterando as feições mais íntimas e pessoais de suas realidades cotidianas.

A noção de *comunidades de espírito* proposta por Tönnie (Tönnies 1973: 103) nos fornece pistas importantes para refletirmos sobre tal questão. Nas comunidades de espírito afirma esse autor, as relações de caráter religioso ocorrem em bases, de *comunidades da vida mental*, onde seus membros interagem por meio da imaginação, onde as distâncias físico-temporais deixam de existir.

Tal enfoque, foi ampliado, aqui, com a introdução da noção de *virtual comunidade de ouvintes* definida por Thompson (Thompson 1995: 408), como: “*uma virtual comunidade de ouvintes que podem não interagir mutuamente direta ou indiretamente, mas que partilham em comum o fato de receberem as mesmas mensagens e que, por isso, fazem parte de uma coletividade que pode se estender através do tempo e do espaço.*”

Ao reconstruir as experiências religiosas das receptoras/narradoras do Pentecostalismo televisivo, em São Paulo, estou tratando de comunidades virtuais de receptoras-ouvintes e narradoras que, muito embora não estejam, constantemente vivendo relações de proximidade física, têm conhecimento de que, outros iguais, rece-

bem as mesmas informações e imagens de consolo, em tempos e espaços diversos. Essas receptoras/narradoras parecem ter o mesmo prazer de receber tais estímulos pois fazem parte de uma mesma comunidade, que eu denomino de eletrônica de consolo.

Por outro lado, ao infocar a questão de “gênero” refiro-me a uma construção histórico-cultural particular, onde as identidades masculino-feminino se formam em bases contrastivas.

Aqui, refiro-me aos processos de conversão das mulheres, que participam da programação televisiva das Igrejas IURD e Renascer, de um lado, como receptoras e, de outro, como personagens dos programas, assumindo o papel de “narradoras eletrônicas” de suas histórias de conversão.

Para a compreensão da nova configuração que o Pentecostalismo televisivo vem assumindo, analisei os discursos femininos e sobre o feminino, difundidos na programação televisiva das duas Igrejas, veiculados em São Paulo e, em rede nacional.

Além disso, coletei histórias de vida e entrevistas com mulheres que fazem parte das comunidades eletrônicas de consolo como receptoras e como convidadas dos produtores para assumirem a figura de narradoras de histórias de conversão, visando conhecer os processos de produção e recepção das mensagens de fé e, seus desdobramentos na vida cotidiana dessas novas crentes.

Com isso, indico, em linhas gerais, como se constroem, hoje no Brasil, as “comunidades eletrônicas de consolo” e como se configuram identidades femininas Pentecostais.

A comunidade eletrônica de consolo

Nascidas nas décadas de 80, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo a IURD e a Renascer em Cristo, atualmente provocam significativo reordenamento do campo Pentecostal como indica Mariano (Mariano 1996: 24-46) em seu trabalho. Essas transformações abrem brechas para que se possa perceber o significado de uma nova forma de tratamento do pertencimento e proselitismo religioso.

Na tentativa de atingir novos públicos, a IURD e a Renascer, lançaram mão da televisão para iniciar a formação de comunidades Pentecostais brasileiras de caráter virtual. Com programações heterogêneas, as igrejas, em tela, atraem para a televisão e templos um grande contingente de consumidores formado, especialmente, por mulheres.

Para tanto, produzem programas que se aproximam do estilo do que Beylot (1997: 53-60) destaca como *realyt show* ou *televisão verdade*, onde a conversão e o cotidiano do converso são apresentados como autênticos e verdadeiros, fazendo com que o receptor se aproxime das propostas de conversão.

Os programas como “Palavra da fé”, “Fala que eu te escuto” (IURD), “De Bem com a Vida” (Renascer), visam fazer com que o receptor, pela emoção, se aproxime e se identifique com os fatos narrados em estado de simulação.

Nesses programas, as mulheres antes silenciosas e silenciadas no exercício de seus papéis de adeptas da fé, reconhecidas apenas como mães, esposas, filhas e trabalhadoras são chamadas pela IURD e Renascer para participar de trabalhos de saneamento sócio-religioso Pentecostal, para divulgar, pela televisão, mensagens cristãs exemplares e consoladoras.

Se, há aproximadamente trinta anos atrás as Igrejas Pentecostais brasileiras empenhavam suas forças proselistas, elegendo as relações face-a-face como recurso fundamental para promover a conversão, hoje, o emprego de tal estratégia, coloca-se como frágil e limitadora.

Considero que, a reorganização dos espaços urbanos e o conseqüente rearranjo das relações interpessoais, provocadas pela crescente presença dos meios eletrônicos de comunicação, em especial a televisão, forçou uma renovação das práticas dos proselitistas pentecostais para os centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro.

Essas cidades, hoje globalizadas, passaram a imputar a seus moradores um ritmo de vida acelerado, eivado de processos informacionais de serviços, com crescente tendência à desconcentração metropolitana. Ao mesmo tempo verifica-se a exclusão e miséria

social: aumento do desemprego, queda do assalariamento, crise de moradia, produzindo constante movimentação espacial da população em busca de trabalho e de moradia. Além disso, não se pode esquecer que há crescente tensão das relações interpessoais motivada pela onda de violência, que toma conta dessas grandes cidades.²

Basta uma rápida olhada sobre tal caracterização de São Paulo e Rio de Janeiro, para perceber que há uma desconfiguração dos espaços urbanos e das relações entre seus habitantes, que não conseguem mais conviver segundo um estilo comunitário territorializado onde todos, de certa forma, se conhecem, podem conversar e trocar suas experiências de vida, até mesmo com pessoas que não partilham de seu mundo privado.

Nas grandes cidades, como aponta Barbero (1997: 216-217), o medo tomou conta de seus habitantes, fazendo com que todos procurem se proteger da violência urbana, se aprisionando no interior dos espaços domésticos. A tensão e a violência, cada vez mais, expulsam seus moradores das ruas. Os habitantes dessas cidades procuram, cada vez mais, a televisão para lhes fazer companhia, para amenizar suas angústias e solidão.

A forte utilização da mídia eletrônica para definir os espaços das relações sociais, presentes nessas cidades repleta de diferenças étnicas, raciais e religiosas com diversos cultos e rezas, passa a impor uma nova visão ao tratamento da territorialidade do sagrado Pentecostal. Nesse contexto, a televisão surge como a mais nova aliada dos Pentecostais, que atuam nos espaços urbanos.

A identidade e a territorialidade do sagrado Pentecostal se, tradicionalmente, construída em bases físico-espaciais, passa agora a ser, também, pensada sob sustentação comunitária da vida mental, em bases de caráter virtual, alternando territorialidade e desterritorialidade.

Enquanto “*um lugar*”, a igreja define a sua condição de fé, enquanto, “*um outro lugar*,” alternativo a programação televisiva Pentecostal oferece e facilita, no mesmo momento histórico, acesso aos bens de salvação, que estão faltando aos moradores das grandes cidades, que estão vivendo situações de aflição, desconsolo, desamparo e solidão.

Os novos crentes consumidores da TV Pentecostal podem assim ver, de um lado descaracterizados os “lugares da expressão pública da fé”, e de outro a configuração do “não lugar” da fé, no sentido que nos fala Marc Augé (1994: 71-105).

A nova identidade Pentecostal passa, assim, a ser construída, de um lado, com bases territoriais definidas, e de outro, por bases deterritorializadas, através da programação televisiva.

A comunicação eletrônica Pentecostal, distribui para o consumo individual os diversos modos de “reterritorializar”³ o sagrado, onde são resignificados seus rituais que levam à solidariedade e sociabilidade religiosa.

Assim, há um território do sagrado Pentecostal, que não é mais sedentário, se move pelas ondas da TV, percorre ruas das cidades, através das mentes de seus adeptos e simpatizantes. É difícil, agora, a delimitação de suas fronteiras físicas para a realização de uma cartografia da comunidade de fé com suas redes de sociabilidade.

Dessa forma, configura-se, no Brasil, uma nova visão do que seria o fiel Pentecostal que vive em, concomitância, a fé territorializada e deterritorializada, formando comunidades religiosas de caráter virtual, onde seus membros participam das propostas religiosas, alternando suas presenças, ora nos espaços físicos dos templos, ora, fora deles.

É nessa perspectiva que, as comunidades pentecostais de caráter televisivo passam a desenvolver o papel de coadjuvantes nos processos de identificação religiosa, agora também, cunhados à distância, no universo das virtualidades e não apenas nos templos.

Tais comunidades pentecostais ministram pela televisão consolo, dando lenitivo, alívio ou suavizando aflições, sofrimentos e padecimentos, proporcionando sensação agradável de prazer, pondo termo aos sofrimentos e humilhações, mesmo que em estado simulação, aos seus receptores que formam o que denomino aqui, de “comunidades eletrônicas de consolo”, comunidades de produção e consumo da fé Pentecostal efetivada à distância.

As comunidades eletrônicas de consolo da IURD e Renascer, tratam de informar e difundir seus preceitos religiosos nos espaços domésticos, pelas cidades, por meio, do movimento dos indivíduos solitários em suas peregrinações pelas grandes cidades.

Essas comunidade eletrônicas de consolo identificam-se, cada vez mais, com o que Barbero (1998: 202-221) pontua como *paradigma informacional, ou o paradigma dos fluxos*, que domina o planejamento das cidades, onde o “*conceito de fluxo, entendido como tráfico ininterrupto, interconexão transparente e circulação constante de veículos, pessoas e informações*”⁴ dá sentido aos novos territórios do sagrado Pentecostal.

Nesse contexto de caráter virtual, que envolve tanto as grandes cidades, como o novo campo Pentecostal, “*são reconfiguradas as relações com os nossos corpos, uma vez que no mundo virtual, necessita-se, não apenas dos corpos reunidos mas de corpos interconectados.*”⁵

Como conseqüência dessa nova configuração das relações, a IURD e Renascer ganham novos adeptos, por meio da difusão eletrônica das mensagens da fé, mesmo que com isso, em alguns casos, percam alguns adeptos e simpatizantes mais tradicionais.

A IURD e a Renascer, passam a tratar a televisão como veículo que pode propiciar, acelerar e ampliar o fluxo de mensagens de fé, que vão atingir a população, que está vivendo situação de isolamento nas grandes cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro.

As programações dessas Igrejas apresentam a conversão, por meio de relatos que dialogam com os anseios mais íntimos de seus receptores, promovendo a esperança do encontro da cura, da felicidade, da juventude e da prosperidade econômica.

Ao procurar formar novas mentalidades, essas duas Igrejas, oferecem e difundem suas propostas de fé, através, de programas, que expõe os dramas individuais como superados pela fé.

As produções televisivas dessas Igrejas estão transformando as vivências religiosas dos templos em espetáculos televisivos, apresentando a realidade cotidiana relida pela ficção. O público receptor, por sua vez, parece aceitar fascinado tal mudança. Assim, IURD e Renascer colocam-se no “*mercado dos bens de salvação*” marcando presença nos quadros do que Morin (Morin 1967: 23-25) chamou de “*o tempo da segunda industrialização, a industrialização dos espíritos*”.

A fé entregue em domicílio

Programa como “Palavra de vida”, “Despertar da Fé”, “Fala que eu escuto”, “De Bem com a Vida” patrocinados pelas duas denominações em tela, ao exporem as reservas de privacidade das mulheres que narram seus processos de conversão, vão atravessando fronteiras, trabalhando um discurso proselitista que difunde o princípio da igualdade de todos aqueles que consomem a fé.

O contexto religioso televisivo, fabricado em escala industrial pela IURD e Renascer, apresenta a ideologia do consumo como ponto central sobre o qual um complexo ritual e simbólico define, para os sujeitos sociais modelos de conduta. Assim, os critérios de poder e de prestígio social, que as pessoas acreditam deter na sociedade, são apresentados sem que, em nenhum momento, sejam questionados em sua existência real.

O acesso à renda, associado a fé é apresentado pela programação televisiva Pentecostal, como o elemento significativo, por meio do qual, as pessoas crêem poder ascender socialmente, adquirindo os bens materiais e simbólicos necessários à realização de um estilo de vida que evidencia uma marcante mobilidade social. Dessa forma, verifica-se como as camadas populares convertidas ao Pentecostalismo vêem representados seus desejos de participar do processo simbólico que reafirma os poderes de uma sociedade que reifica a cultura do consumo.

A televisão da IURD e da Renascer, absorve e se apropria das vivências domésticas para dar veracidade aos seus conteúdos programáticos, visando dar ritmo ao cotidiano de suas programações onde o território virtual ganha lugar de destaque, fazendo com que as possibilidades de consumo da fé e seus efeitos sejam *entregues em domicílio*.

Segundo informações de alguns pastores da IURD e da Renascer, pretende-se com isso, criar e reforçar no receptor um imaginário onde “*as Graças do Espírito Santo de Jesus cheguem aos lares, sem que se tenha, cotidiana e obrigatoriamente, que sair de casa para ir ao templo.*”

Desprivatizando a intimidade da fé, a programação religiosa apresentada na televisão, aparece como um novo organizador das experiências religiosas, formando as novas sensibilidades e singularidades do ser fiel.

Recuperam-se, assim, liames de relacionamento de base comunitário-religiosa, em contraposição aos de caráter impessoal que permeiam as sociedades ocidentais.⁶

Os fiéis integrados às comunidades eletrônicas pentecostais da IURD e Renascer privilegiam o consumo dos bens materiais e simbólicos e procuram reordenar, individualmente, seus projetos de vida.

Assim, reelaborações de caráter simbólico-religioso podem ser reinventadas pelos fiéis em seus espaços domésticos virtuais, para expressar a não aceitação da submissão, solidão, silêncio e opressão, evocando, por exemplo, a crença na superação de todo tipo de carência pela “graça do Espírito Santo”.

Com um discurso circular, de caráter autoritário, a comunidade eletrônica de consolo mantém presente, para seus receptores, a “ilusão da reversibilidade” das situações vividas.⁷

Com isso, a comunidade eletrônica de consolo, coloca para si, a tarefa básica de construir uma imagem de grupo religioso centrado na promoção de ações solidárias entre seus membros. São essas ações de solidariedade comunitária difundidas pela televisão que, segundo as denominações analisadas, deverão retroalimentar suas produções televisivas.

A programação televisiva da Renascer em Cristo, com o intuito de remover as barreiras sexistas presentes nos contornos estruturais da instituição, dá destaque especial à difusão de um discurso que propõe a “igualdade horizontal” entre os sexos mediante a introdução da noção de complementariedade no desempenho dos papéis masculinos e femininos no trabalho, na família e na educação dos filhos.⁸

A ideologia da juventude, vigente na sociedade contemporânea, ganha lugar de destaque na comunidade eletrônica da Renascer. A dinâmica das atividades rituais da Renascer, envolta pela ideologia da juvenilização, faz o “demônio da velhice” parecer extinto por razões de transcendência.⁹

Na programação da IURD, notamos que a clássica oposição no relacionamento homem/mulher, mesmo que tenso e ambíguo, estaria de certo modo, convertendo-se em potencial relação de complementaridade, ao procurar atenuar conflitos, rivalidades e competições entre os gêneros.

A Teologia da Prosperidade, cura e exorcismo constituem-se como temas básicos que mobilizam a atenção dos receptores das produções televisivas dessa Igreja.

A sensibilidade política de seus dirigentes, faz com que essas Igrejas desenvolvam plano de ação que objetiva minimizar as diferenças entre os sexos.

Nesse contexto, ambas as denominações tendem a colocar as mulheres em lugares privilegiados nas comunidades eletrônicas de consolo, fazendo com que elas assumam papéis de produtoras das programações televisivas (Renascença) e receptoras destacadas (IURD e Renascença) que devem difundir a mensagem Pentecostal para diferentes públicos.

Um jogo muito ambíguo

A dinâmica da interatividade religiosa eletrônica propiciada pela televisão, agiliza e enriquece a relação entre as receptoras e os modelos sócio-religiosos. Tais processos possibilitam que os acontecimentos não se apresentem aos receptores da IURD e Renascença como prontos, mas como dimensões que podem ser permanentemente recriadas.

Na programação televisiva da IURD e Renascença a espectadora é levada a executar, ao mesmo tempo, as tarefas de receptora e transmissora de mensagens de fé, formando um novo modo de tratar a prática de pertencimento à comunidade Pentecostal de caráter virtual.

Essas comunidades eletrônicas de consolo, prestam à distância, assistência psicológica, difundem ensinamentos sobre o comportamento exemplar do converso, ministram aconselhamento religioso nos casos de aflição e convidam os receptores a freqüentar os templos. Seus pastores, os mesmos dos templos, enfatizam em geral, o caráter ético-profético das mensagens.

A Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Renascer em Cristo, comparativamente, a outras denominações pentecostais, têm demonstrado mérito, ainda que de caráter discutível, ao patrocinar o novo jogo relacional entre os gêneros nas comunidades eletrônicas de consolo.

Subjacente à aparente uniformidade no tratamento das relações entre os sexos, ambas as igrejas mantêm oculta a grande distância que separa e opõe pobres e ricos, mulheres e homens através da união de todos pela fé.

Na tentativa de evitar contestações femininas de caráter institucionalizado, contra as desigualdades e os preconceitos internos, ambas as instituições apostam nos espaços eletrônicos para superar as tensões competitivas, principalmente, nas áreas de administração dos carismas.

A rede de relações sociais de caráter virtual, que forma a nova face da sociabilidade feminina Pentecostal, busca estabelecer laços entre homens e mulheres em múltiplas circunstâncias geográficas e cognitivas, possibilitando às mulheres outro patamar de posição nesse quadro relacional.

Assim, as mulheres são colocadas, na relação produtor/receptor mais como mediadoras/legitimadoras das mensagens religiosas. Segundo dados coletados, as mulheres participam de forma pouco ativa das propostas de mudança das relações de poder entre os gêneros apresentadas pelas Igrejas, através da televisão. Exceção feita à figura da Episcopisa Sônia Hernandez, da Igreja Renascer em Cristo, titular absoluta do Programa “De Bem com a Vida”. De algum modo, os discursos das duas Igrejas, veiculados pela televisão, procuram manter a ilusão de que sejam as mulheres as agentes das mudanças.

Formando novas “tribos urbanas”

Não obstante, uma nova possibilidade de nivelamento hierárquico do feminino nasce nas comunidades eletrônicas de consolo, com a colocação das mulheres na posição, de “narradoras eletrôni-

cas” dos acontecimentos, que revelam a presença do sagrado na vida da comunidade virtual.

A liderança masculina é quem conduz as mulheres ao lugar de narradoras.¹⁰ Dessa forma ela reproduz o discurso oficial de suas igrejas, esmaecendo-se as nuanças das eventuais qualificações negativas aos papéis atribuídos à mulher.

Essas mulheres pentecostais, mesmo tuteladas pelas lideranças masculinas formariam, para empregar a expressão de Maffesoli (1987), novas “tribos urbanas” que reivindicam igualdade de direitos nos serviços de fé.

A narradora eletrônica Pentecostal surge na televisão reativando o gosto pela vivência coloquial, narrando pequenos fatos ligados à história de sua vida, em que a “ética do virtuoso”¹¹ se faz presente. Por meio de testemunhos plausíveis e de fácil identificação, os discursos femininos enfatizam conteúdos proselitistas que marcam a oposição sagrado/profano e atenuam a oposição feminino/masculino.

A narradora eletrônica é alguém que, com sua breve história de vida, antes e depois da conversão, enaltece os poderes de Jesus (e, ao mesmo tempo, da igreja da qual faz parte), propondo, por meio de seu discurso, a demonização dos espaços profanos e a sacralização da vida após a conversão. As narrativas televisivas fabricam, padronizam e vendem, em escala industrial, os temores da alma e do coração, fortalecendo o consumo de símbolos das subjetividades, dos sonhos de salvação e prosperidade familiar.¹² Promovem a “*extensão real do reino narrativo*”¹³, interagindo com seus receptores no terreno do imaginário recriado pela televisão. Já não é apenas a história da comunidade territorializada e seus saberes do passado que essas mulheres narram, mas a realidade de suas experiências de conversão, e de seus testemunhos de fé, das novas relações de complementaridade entre os gêneros, o que sem dúvida aproxima narradoras e receptoras.

As pequenas narrativas de salvação demonstram intensa interação entre os membros das “comunidades eletrônicas de consolo”, tendem a provocar nos receptores a empatia da verossimilhança.¹⁴

Os discursos femininos veiculam conteúdos que trabalham a plausibilidade da conversão, a superação da descrença e o maior

diálogo entre homens e mulheres, colocando a narradora como personagem central que assume a figura de autora e atriz dos acontecimentos que fundamentam o recebimento da “graça da conversão”.

As mulheres da televisão Pentecostal falam sobre eventos de suas próprias vidas, procurando transmitir, para outras mulheres, orientações de conduta para a existência na fé. Aos receptores cabe a tarefa de interpretar os conteúdos dos relatos, procurando encontrar semelhanças e compatibilidade com suas vivências particulares.

As mulheres apresentam, relatos sempre voltados para as provas da “autodivinização”¹⁵, como resultante do hábito de exercitar a vivência plena da vida no mundo sacralizado pela conversão.

Na comunidade eletrônica de consolo, a mulher é, também, a portadora de sabedoria, que cada vez mais se aproxima dos poderes concedidos pelo sagrado e propõe os diversos caminhos que levam à salvação.

As narrativas que compõem as comunidades eletrônicas de consolo, que operam no reino da simulação, objetivam: atingir um público aparentemente desinteressado do produto religioso Pentecostal; mapear lembranças claras das mensagens veiculadas pela televisão; transmitir mensagens de fontes bíblicas; mostram que as mulheres têm domínio das informações que transmitem; defendem o uso irrestrito da mídia eletrônica para difusão da fé e do estilo de vida Pentecostal, próprio de cada uma das Igrejas.

Notas

¹ Imagens femininas: a reengenharia do feminino Pentecostal na televisão. Tese de Doutorado PUC/SP, 1998.

² A respeito da desconcentração metropolitana a exclusão e miséria social e a violência urbana veja-se o interessante trabalho de Veras (1997).

³ Segato (1991) nos fornece uma excelente reflexão a respeito da questão dos territórios imaginários.

⁴ Sobre os paradigmas informacionais e a questão dos fluxos de informação veja-se Barbero (1998).

⁵ Idem.

⁶ Elementos para a reflexão do individualismo de caráter impessoal, presente nas sociedades ocidentais contemporâneas são encontrados em Simmel (1967).

⁷ Sobre a “ilusão da reversibilidade”, veja-se Orlandi (1997).

⁸ A respeito dos papéis masculinos e femininos na família e na educação dos filhos entre os nas religiões Protestantes e no Pentecostalismo veja-se Berger (1995) e Prandi (1996).

⁹ Sobre juvenalização dos espíritos veja-se Morin (1987).

¹⁰ Análise fundamental sobre o ato de narrar e perfil daquele que narra pode ser encontrado em Benjamin (1993: 197-221).

¹¹ Veja-se Weber (1991: 385-404).

¹² A respeito da relação entre televisão e imaginário, produzindo a “industrialização dos espíritos” formando mercadorias consumíveis pelos moradores dos centros urbanos veja-se Morin e Adorno (1967: 23-24).

¹³ Walter Benjamin apresenta uma excelente análise sobre a questão da extensão do real no reino narrativo (1993: 197-221).

¹⁴ A discussão das questões que envolvem as relações de verossimilhança encontra-se em Todorov (1970).

¹⁵ A autodivinização como um hábito é, para Weber, um método permanente dirigido a posse do supramundano, a autodivinização é vista como uma disponibilidade instrumental dos indivíduos para a manifestação do divino (1991: 385-404).

Referências bibliográficas

- ASSMAN, Hugo. 1986. *A Igreja Eletrônica e seu Impacto na América Latina*. Petrópolis: Vozes.
- AUGÉ, Marc. 1994. *Não-lugares: Introdução a uma Antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus.
- BARBERO, Jesús-Martim. 1990. “La ciudad: entre medios y miedos”. In: *Imágenes y reflexiones de la cultura en Colombia*. Bogotá: Colcultura.
- .1998. “A cidade virtual-Transformações da sensibilidade e Novos Cenários da Comunicação”. *Margem 6* : 205-221.
- BENJAMIN, Walter. 1993. “O narrador”. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense. Pp. 197-221.
- BERGER, Peter. 1995. *Dossel sagrado*. São Paulo: Paulinas.
- BEYLOT, Pierre. 1997. “O pseudo ao vivo no reality show”. *Cadernos de Antropologia e Imagem* 5(2).
- FERNANDES, Florestan (Org.). *Comunidade sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Nacional/Edusp.
- GEERTZ, Clifford. 1978. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.

- GOUVEIA, Eliane, Hojaij. 1986. O Silêncio que deve ser ouvido: Mulheres pentecostais em São Paulo. Tese de mestrado. PUC-SP.
- MAFRA, Clara. 1996. “Construção de gênero e estilo eclesial entre os evangelicos”. *Universidade Rural* 18(1/2).
- MAFFESOLI, Michel. 1987. *O tempo das tribos: o declínio da individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- MARIANO, Ricardo. 1994. NeoPentecostalismo: os pentecostais estão mudando. Mestrado em Sociologia/USP.
- . 1996. “Os Neopentecostais e a teologia da prosperidade”. *Novos Estudos Cebrap* 44:24-46.
- MARIZ, Cecília. 1994. *Libertação e ética. Uma análise de discurso de pentecostais que se recuperam do alcoolismo*. In: ANTONIAZZI, Alberto (Org). *Nem Anjos nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes.
- MARIZ, Cecília & MACHADO, Maria das Dores Campos. 1996 “Pentecostalismo e a redefinição do feminino”. *Religião e Sociedade* 17 (1/2).
- MORIN, Edgar, 1987. *Cultura de massa no século XX: o espírito do tempo, 1 Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- MORIN, Edgar & ADORNO, Theodoro. 1967. *La industria cultural*. Buenos Aires: Galerna.
- ORLANDI, Eni. 1997. *Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes.
- PRANDI, Reginaldo. 1996. “Religião paga, conversão e serviço”. *Novos Estudos Cebrap* 45:65-77.
- SEGATO, Rita. 1991. “Cambio Religioso y Desetnificacion: La expansion evangelica en los Andes centrales de Argentina”. *Religiones Latinoamericanas* 1.
- SIMMEL, G. 1967. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar.
- THOMPSON, John B. 1995. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes.
- TODOROV, Tezevetan. 1970. *Estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva.
- TÖNNIES, Ferdinand. 1979. “Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais”. In: F. Tönnies.. *Comunidad y asociación*. Barcelona: Ediciones Península.
- VERAS, Maura Pardini. 1997. “Novos olhares sobre São Paulo: notas introdutórias sobre territórios, espaços e sujeitos da cidade mundial”. *Margem* 6: 129-154.
- WEBER, Max. 1991. “Sociología da Religião”. In : *Economia e sociedade*. Brasília: Editora UNB.